

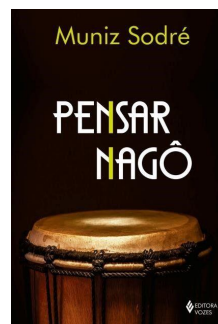
RESENHA

SODRÉ, Muniz A. C. *Pensar nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238 p.

**Pensar-vivendo:  
Filosofia a toque de atabaques em *Pensar nagô***

**Think-living:  
philosophy to the rhythm of drums in *Pensar nagô***

RENATO PASTI\*



Muniz Sodré é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, pesquisador da pelo CNPq, possui dezenas de livros publicados na área de mídia, comunicação, cultura nacional e de textos jornalísticos, além de ser professor visitante e conferencista internacional.

Em sua obra *Pensar nagô*, publicada pela Editora Vozes em 2017, busca, com sutileza, desvelar o envoltório religioso de cultos afros, os quais são imantados por filosofia existencial vivida. Muniz Sodré destaca que a filosofia não é uma exclusividade do pensamento ocidental europeu, mas de maneira restritiva confinou as concepções filosóficas aos intramuros acadêmicos, através da sistematização teórica do pensamento. Sodré desloca “a voz ativa dos sujeitos de pensamento para a voz média dos sujeitos-objetos do ato de pensar-vivendo (e não viver pensando)” (p. 94). Dessa forma, amplia a possibilidade de compreender o pensamento filosófico no campo das vivências litúrgicas.

Ao lançar o olhar sobre a diáspora africana, Muniz Sodré trilha sobre o chão

dos terreiros, cujos caminhos nos direcionam à interpretação dos significados existenciais do pensamento nagô, percebendo-os como continuidade da *Arkhé* africana. Os ritmos, sons, timbres, compassos, são signos das latências das memórias, assentadas sobre os corpos em movimento, que celebram o mítico, fortalecendo o sentido de pertencimento a um princípio fundador. Assim, o autor expõe a pertinência do passado comum como forma de resistência para os sujeitos da diáspora.

Para Sodré (2017), a filosofia da linguagem rege os signos, possui os corpos e dá significados à temporalidade, situando o ser em um todo contínuo, indivisível de seu destino. Ao fiar o espaço da diáspora com sons, danças, objetos, memórias, *orixás* e *eguns*, Sodré (2017) se propõe a ver nesses espaços “o que todo mundo viu”, Contudo pensando “o que ninguém pensou”, ou seja, uma filosofia genuinamente africana experienciada pelos sujeitos nos espaços litúrgicos.

Com notável erudição, o autor encampa reflexões, que cruzam análises e



\* RENATO PASTI é mestrando em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

perspectivas entre o saber sistematizado filosófico do mundo ocidental com a filosofia do pensamento Nagô. Os rompimentos causados pela diáspora sobre os povos africanos são contrastados como as estratégias de manutenção de um sentido original de mundo. Nesse sentido, o universo religioso se torna um espaço privilegiado para compreender as estratégias de manutenção das identidades culturais. O autor se apropria do conceito de *Arkhé*, pertencente à filosofia grega pré-socrática, para representar o pensamento africano mítico como orientador e amalgama social.

No percurso da tessitura do texto, o autor alinha símbolos e os significados litúrgicos nagô à estrutura suprafísica do pensamento, interpenetrando o tempo corrente do presente ao tempo descontínuo do litúrgico. Muniz Sodré intercrusa o pensamento nagô com o pensamento platônico, no sentido de entender a dicotomia entre a materialidade, *àiyé* ou *physis*, submetida às vicissitudes do tempo, em intercessão com as representações perenes do mundo imaterial, no pensamento socrático representado como *mundo das formas*, no Nagô compreendido como *orum*.

Ao aproximar o pensamento filosófico ocidental do pensamento nagô, enfatiza que, ao contrário do pensamento epistêmico ocidental, o intelectual africano não deriva de uma escola doutrinária, nem remete o pensamento a um caminho individual, mas sim à coletividade, ao vínculo intergeracional. Ainda afirma que a experiência do *pensar Nagô* se estrutura na indivisibilidade do fazer e do pensamento, em contraste com a perspectiva grega, em que o fazer

material se encontra separado da “*forma*”, quando muito é representada como uma imagem distorcida do “mundo das ideias”.

Se na tradição filosófica ocidental o ser é atomizado, na concepção Nagô, por outro lado, o ser só ganha existência à medida que faz parte da comunidade, ou seja, passa a existir, porque é integrado ao grupo e, reciprocamente, o grupo é integrado a existência daquele. O coletivo expressa a existência do ser por mediações simbólicas, ao passo que o ser se torna um microcosmo do coletivo. Sutilmente, Sodré (2017) percorre, com o texto, a influência do pensamento de Maurice Halbwachs<sup>1</sup>, mesmo que nem sempre de forma objetiva, fica implícito como a memória coletiva se enraíza no território religioso, em que se entende que o tradicional é reinventado mediante a necessidades presentes. “O terreiro de candomblé é a organização responsável por um tipo de visibilidade, portanto, aquilo que transforma em existente o suposto inexistente [...]” (SODRÉ, 2017, p. 100). O terreiro de candomblé é, portanto, o espaço de realização existencial grupo, território reterritorializado quanto ancestralidade e espiritualidade.

Em referência ao pensamento Nagô, o corpo é concebido no mundo sensível, pelos sentidos, “pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele” (SODRÉ, 2017, p. 106), assim, “no interior da configuração simbólica dos nagôs o corpo humano é permeável a mundo histórico e cosmo mítico, exibindo ritualisticamente esta sua singularidade” (SODRÉ, 2017, p. 121). Enquanto parte, o sujeito se “*soma*” ao grupo, o que segundo Sodré caracteriza-se como corporeidade.

<sup>1</sup> Refere-se aos alinhavos da memória coletiva, reflexão presente na obra “A memória coletiva”, do autor supracitado.

Assim o corpo físico e o corpo social são enlaçados em uma mesma simbologia, que constitui a ossatura da existência do indivíduo. Para compor o tecido de significados do pensamento Nagô, Sodré (2017) salienta que o corpo físico é marcado pelo pensamento social, assim como sua trajetória biográfica compõem um todo maior, que é o destino. Ao abordar o destino como o indicador das ações no presente, compreende que os destinos individuais são derivativos da capitalização de energias do corpo social, pela transmissão do axé no grupo, dando continuidade a *arkhé*. Essa dimensão implica em conceber a importância dos aspectos divinatórios, ou seja, de seguir as potencialidades de um caminho através de *Ifá*. Em outras palavras, o indivíduo se realiza enquanto ser nos significados de continuidade, quando o que traz sentido ao mundo, orienta suas ações e cria o sentido de pertencimento. O caminho divinatório dá sequência aos mitos fundadores, realocando os destinos pessoais na grandeza da narrativa do grupo. A existência dos indivíduos no pensamento Nagô compõe uma “*liturgia corporal*”, em que os corpos dos antepassados conduzem a narrativa sobre os corpos dos vivos. Significa dizer que a memória coletiva transcende a inscrição nos corpos vivos e conecta-se ao todo pretérito, ao existencial e ao devir.

O autor compreende que na percepção Nagô, as dualidades corpo/espírito, *ara/emi*, *orum/àiyé* correspondem aos alinhavos cosmológicos, que unem o corpo à diversidade das representações, de modo que o sujeito interage com várias dimensões existenciais, interconectadas pela lógica dos ritos, razão em que se faz existente o divino e o mundano, unindo sentidos de existência e compondo a narrativa da comunidade litúrgica, *egbé*, no tempo. Ao examinar o espaço ritual e a função

do corpo como seu território, o autor intercruza o pensamento nietzschiano e freudiano em direções, que buscam evidenciar como o espaço e o corpo se interpenetram simbolicamente. O ritual exerce função de mediação entre o incorpóreo e o corpóreo, vinculando essa bidimensionalidade. O simbólico ganha potência de existência, representado no corpo multidimensional, pois “para além de carne, o corpo e suas representações podem ser concebidos como território onde se inter cruzam elementos físicos e míticos, coletivos e individuais, erigindo-se, então, fronteiras e defesas” (SODRÉ, 2017, p. 130).

A pertinência da obra *Pensar nagô* se expressa na dissolução das assimetrias entre a filosofia ocidental e o pensamento nagô, uma vez que o autor se apoia nas analogias entre as correntes filosóficas de pensadores ocidentais e a liturgia do candomblé. A sutileza das análises nem sempre traz de forma objetiva o curso das analogias, delegando a quem lê, a capacidade e a sensibilidade de aproximar, diferenciar e perceber as mensagens implícitas sugestionadas no texto. A erudição do autor se apresenta como um desafio ao(à) leitor(a), exigindo tanto a atenção como familiaridade com as liturgias do candomblé, além de um conhecimento razoável das correntes filosóficas e dos autores do cânone ocidental.

Outro aspecto que torna o texto instigante, e potencialmente inovador, é a dimensão em que Sodré (2017) coloca o pensamento filosófico. A democratização do conceito rompe com o elitismo e a hierarquização eurocêntrica, passando do pensamento descartiano “cogito, ergo sum”, ou “penso, logo existo”, para a dimensão existencialista materialista, “Sum, ergo cogito”, abrindo espaço para novas possibilidades e formas do pensar

filosófico. *A filosofia a toque de atabaques* caminha na mesma lógica, que a poesia d'*O operário em construção*, de Vinícius de Moraes, ou da poesia *Ai se sêsse*, do poeta popular Zé da Luz, onde o ser poeta ou o ser filósofo se corporifica na(no) “soma” do ser

histórico com o pensar vivendo, ganhando a dimensão do pensamento e/ou “a dimensão da poesia”.

Recebido em 2018-05-28

Publicado em 2018-08-07